

**TEORIA DA VARIAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM  
A SEMÂNTICA, A PRAGMÁTICA E A ANÁLISE DO DISCURSO**

DINAH M.I. CALLOU

NELIZE OMENA

VERA PAREDES DA SILVA

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Depois de uma fase inicial em que predominaram trabalhos de natureza fonética, a teoria da variação avançou no sentido de abranger outros níveis de análise lingüística. Inicialmente, os estudos que seguiam uma linha variacionista se restringem à análise fonético-fonológicas e morfológicas, onde, à primeira vista, pelo menos, a variação é incontestável. Admitia-se, portanto, que naqueles níveis poderiam ocorrer duas ou mais variantes em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. Nos outros níveis, a questão já se colocaria de outra forma.

Visto sob um outro prisma, o problema é ainda mais complexo, pois mesmo naqueles casos em que haveria variação inequívoca, alguns pontos são passíveis de discussão. Exemplifiquemos com as duas pronúncias para a forma "porção" apontadas por Oliveira (1988): a realização com [u] correspondendo a um determinado significado (muito, muita quantidade) e a realização com [o] apresentando um valor semântico diverso (parte de alguma coisa). Não obstante, casos como esse devem ser analisados com cautela, no sentido de verificar se se trata de distinção sistemática ou apenas ocasional, individual, idioletal, regional, social ou até mesmo pragmático-discursiva, ocorrendo na fala de um indivíduo num determinado momento com a finalidade de estabelecer a oposição entre os dois significados, num contexto do tipo "Ele me deu uma porção", que provavelmente o falante acompanharia de uma entonação marcada.

No nível morfológico, há variantes incontestáveis, como é o caso do morfema de plural (SCHERRE, 1988; POPLACK, 1980). Na morfologia derivacional, no entanto, podemos encontrar casos interessantes, como o da alternância do sufixo -inho// -zinho. As duas seqüências estão disponíveis na língua, podendo combinar-se com um nome, como efetivamen-

te ocorrem em colherzinha/colherinha, mas não em quintalzinho/quintalinho, onde a segunda, embora prevista no sistema, parece não fazer parte da norma.

Em alguns casos, apesar da aparente equivalência -inho//-zinho o resultado que se obtém na derivação não são necessariamente duas formas alternantes: mãezinha/maĩinha em princípio obedecem a uma distribuição regional; em pedalzinho/pedalinho a segunda forma ganha uma especificação de sentido na derivação, alinhando-se, desse ponto de vista, a outras formações cristalizadas no léxico geral, como lombinho, salgadinho, maminha, ou específico, como burrinho (de freio) (EZARANI, 1989).

No nível morfo-sintático, segundo Bentivoglio (1987), "se quisermos encontrar contextos iguais, como fazemos em fonologia, deveríamos renunciar antes de começar." Exemplos como as duas seqüências discursivas que se seguem, em que se alternam nós/a gente em construções paralelas, são relativamente raros de se encontrar:

Porque a única coisa que não vai bem é o seguinte: que **nós temos aqui uma dificuldade** muito grande de colocar a documentação do bar em dia...

Então, **a gente tem condição de fazer** uma documentação certa, para que eles não tenham o direito de interferir no nosso movimento, entendeu? (PEUL)

A questão não se coloca agora exatamente na equivalência de formas do ponto de vista de dizerem a mesmas coisa, num mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade, mas sim no fato de determinadas formas ou construções sintáticas que guardam entre si uma equivalência no nível referencial cumprirem do ponto de vista discursivo-pragmático papéis diferentes. Muitas vezes a escolha da construção se deve a um maior ou menor distanciamento do falante, como na mudança de **se** para **nós** na fala de um carioca:

Mas no Norte **se** encontra muito ainda alguma coisa nesse sentido, quer dizer, o bom senso de construir, tendo em vista o clima tropical. **Nós** enchemos o Rio de concreto armado, de vidro, acumulando calor. (NURC/RJ, DID 233)

Os diferentes processos de indeterminação servem, por sua vez, para ilustrar como construções gramaticais distintas correspondem a

diferentes níveis dentro de uma escala. Ao que parece, a passiva sem agente estaria num dos extremos dessa escala e um pronome de primeira pessoa do singular estaria em outro:

Hoje, inclusive aqui no Brasil, é um dos países incríveis. O desquite **é** muito **aceito**, a separação **é** muito mais **aceita**, ou por outra, os elementos separados **são** muito mais **aceitos** do que na própria França... (NURC/RJ, DID 59)

O grande ... a grande dificuldade que **nós** vamos encontrar sempre é situar a posição da empresa ... Por que razão? Porque **eu** hoje tenho ... mais ou menos como um esquema consagrado ... que as empresas se dividem ... em rudimentar ... pequena ... média ... grande forte ... e uma empresa [...] Mas o fato é que **eu** tenho pequenas empresas que são ... ainda dentro da categoria de pequenas empresas ... (NURC/RJ, EF, 364)

O novos rumos tomados, portanto, acabaram por trazer para o centro da discussão questões relativas aos condicionamentos discursivo-pragmáticos, com todas as dificuldades inerentes a caracterizações dessa natureza.

Desse modo, vemos hoje uma mudança de perspectiva. Estudos que utilizam a metodologia variacionista em vez de partirem da análise de um fenômeno bem delimitado gramaticalmente, com variação por assim dizer inequívoca (pretônica aberta, pretônica fechada, [t] ou [t<sub>f</sub>], etc.), investigam diferentes formas de expressão para indicar um mesmo processo: indeterminação, modalização, hipótese, etc.

Para exemplificar a complexidade da abordagem variacionista quando não estamos partindo de formas variantes consagradas, mas sim de um noção que pode ser expressa por determinados processos - processos estes que não estão exclusivamente vinculados àquela noção - compararemos os pares de construções com o gerúndio e com o presente do indicativo nas orações justapostas que se seguem:

Ganhando na loteria, dou a volta ao mundo  
Ganho na loteria, dou a volta ao mundo

Acordo, tomo banho  
Acordando, tomo banho

No primeiro par de exemplos, observa-se uma alternância de construções hipotéticas (entre outras interpretações) que permite um tratamento variacionista; no segundo, a expressão da noção em causa já não é tão aparente, embora não impossível desde que existam condições pragmáticas definidas.

Nesta perspectiva, em uma abordagem mais ampla, temos sentido a necessidade de trabalhar com outros tipos de fatores que não os tradicionais, fatores esses de natureza discursiva, tais como, distância do referente. mudança de referente. status informacional. gênero discursivo, paralelismo, etc. Alguns, mais estruturados e aplicados a diversos estudos; outros, de estruturação mais complexa, haja vista, status informacional, com todas as subdivisões que têm sido propostas (novo, novo em folha, novo ancorado, disponível, inferível, evocado contextualmente, etc.). Essas classificações, ainda que complexas, já foram testadas em vários trabalhos; outras ainda não foram sequer bem definidas pela própria análise do discurso.

Quais os critérios objetivos, por exemplo, que temos para aferir com precisão as divisões estruturais do discurso, isto é, as unidades intermediárias entre a frase e o discurso como um todo?

Neste aspecto temos problemas que vão desde definir qual o tópico discursivo, os subtópicos - vistos sob uma perspectiva semântica - até estabelecer sua relação com marcas formais. Na escrita, temos possível referência o parágrafo visual (gráfico), cujo uso ainda assim não é muito consistente até num mesmo autor. Em relação à fala, existem trabalhos que tentam delimitar a estrutura fonética do parágrafo e, mais recentemente, vêm tentando fazê-lo através dos chamados marcadores discursivos.

Longe de ser um impecilho à utilização da teoria, essas dificuldades representam um desafio, como conseqüência de um saber lingüístico acumulado em todas as áreas. A abordagem variacionista, vista por muitos como uma metodologia de pesquisa que privilegia o quantitativo em detrimento do qualitativo, na verdade exige do pesquisador uma investigação aprofundada na busca dos condicionamentos de um determinado fenômeno, busca esta que muitas vezes não estabelece fronteiras entre os diversos níveis de análise (fonético, prosódico, morfológico, sintático discursivo). Finalmente, a grande vantagem que vemos na metodologia é que ela permite uma avaliação mais precisa, menos impressionística, obrigando o lingüista a buscar categorizações mais objetivas. Neste sentido, os números não valem por si mas funcionam como ponto de referência para a interpretação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTIVOGLIO, P.A. A variação nos estudos sintáticos. In: **Estudos linguísticos**. XIV. Anais de seminários do GEL, Campinas, 1987, p.7-29.
- EZARANI, Elza Sayegh. **Formações x -inho na fala carioca**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, UFRJ. 1989.
- OLIVEIRA, Marco Antonio de. The neogrammarian controversy revisited. Mimeo.
- POPLACK, Shana. Deletion and desambiguation in Puerto Rico. Spanish. **Language LSA**, 56(2):371-385, jun. 1980.
- SCHERRE, Maria Marta P. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, UFRJ. 1988. 2 vol. 555p.